

DISFUNÇÃO DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL



EWERTON SIQUEIRA DE MELO

Professor de Educação Física Bacharel, efetivo nas Prefeituras de Poá e São Paulo; Pós-graduado, Pedagogo, Formação em História e Arte..

RESUMO

Objetiva-se mediante o presente artigo apresentar algumas dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental discorrendo sobre os aspectos orgânicos, neurológicos e sócio/cultural. Para a realização deste artigo, adotou-se a pesquisa bibliográfica onde investiga-se os principais teóricos e abordar as suas principais teorias a respeito do da temática dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais. Os resultados das referências bibliográficas mostram que muitos professores acreditam que as dificuldades das crianças são reversíveis. As causas das dificuldades são atribuídas à família, à criança e à escola. Assim, levantando a literatura pertinente ao tema, buscando explicar historicamente os elementos que interferem no objeto estudado dentro da sala de aula. Acreditamos poder colaborar trazendo, com esse trabalho, informações que possam auxiliar a equipe escolar e, especialmente, os professores na reflexão de problemas que seus alunos apresentam na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Dificuldades de aprendizagem; Dislexia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar as dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental apresentados em sala de aula tentando fornecer ao professor alguns indícios de problemas na aprendizagem que poderiam ser caracterizados como sinais de dislexia. A partir daí pontuará sobre a dislexia, o diagnóstico e tratamento.

Descobrir e aprender devem ser prazerosos, senão alguma coisa está errada. Sabe-se que

o problema de aprendizagem traz sofrimento para a criança e este pode ser traduzido por comportamentos de desinteresse e desatenção. Às vezes não adianta pensar só em reforço escolar, a identificação das causas que estão gerando essas dificuldades requer uma intervenção especializada. Se o professor puder observar melhor seu aluno e logo cedo pontuar possibilidades de soluções aos problemas com intervenções ou encaminhamentos necessários serão de grande valia para evitar que seus alunos sofram por questões que podem ser sanadas ou amenizadas por meio de tratamentos adequados. Sabe-se que:

“Aprendizagem é a progressiva mudança do comportamento que está ligada, de um lado, a sucessivas apresentações de uma situação e, de outro, a repetidos esforços dos indivíduos para enfrentá-la de maneira eficiente.” (MACCONNELL apud PILETTI, 1991, p. 32)

O termo "dificuldade de aprendizagem" (no original em língua inglesa, "learning disability") aparentemente foi usado pela primeira vez e definida por Kirk (1962). O autor referia-se a uma aparente discrepância entre a capacidade da criança em aprender e o seu nível de realização.

Nos Estados Unidos da América uma análise das classificações de Dificuldades de Aprendizagem em 49 dos 50 estados revelou que 28 dos estados incluíram critérios de discrepância de QI/realização em suas diretrizes para Dificuldades de Aprendizagem (Ibid., citando Frankenger & Harper, 1987).

Segundo Kirk (1962):

Uma dificuldade de aprendizagem refere-se a um retardamento, transtorno, ou desenvolvimento lento em um ou mais processos de fala, linguagem, leitura, escrita, aritmética ou outras áreas escolares, resultantes de uma deficiência causada por uma possível disfunção cerebral e/ou alteração emocional ou condutual. Não é o resultado de retardamento mental, privação sensorial ou fatores culturais e instrucionais. (1962, p. 263)

É comum a criança apresentar dificuldades de leitura, escrita, compreensão de textos escritos e cálculos durante a alfabetização. Cabe ao professor identificar tais dificuldades para que essa criança possa ter as intervenções adequadas.

Em alguns casos os problemas são resolvidos na própria sala de aula, outros são mais específicos e precisam de uma atenção especial. Há vários fatores para a dificuldade de aprendizagem que inclui problemas neurológicos, familiares, ambientais, sociais e culturais. Portanto uma avaliação deve ser feita, somente dessa forma o aluno poderá ser ajudado.

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Com base em nossas pesquisas podemos dizer que distúrbios ou transtornos de aprendizagem são de causa neurológica, que faz com que a criança tenha dificuldades específicas de leitura, escrita ou matemática.

Para Piaget (1896) o desenvolvimento mental dá-se espontaneamente a partir de suas potencialidades e da sua interação com o meio. O processo de desenvolvimento mental é lento, ocorrendo por meio de graduações sucessivas através de estágios: período da inteligência sensório-motora; período da inteligência pré-operatória; período da inteligência operatório-concretas; e período da

inteligência operatório-formal.

Portanto para que haja um aprendizado a criança deve estar preparada, ou seja, em seu tempo e limite. É preciso que o cérebro esteja em perfeito funcionamento, assim as informações devem chegar até ele de modo que não haja nenhum bloqueio. Para isso é preciso que a criança tenha uma integridade das vias sensoriais e visuais.

Crianças com distúrbios ou transtornos de aprendizagem tem um bloqueio no funcionamento do cérebro que são independentes de fatores externos, pedagógicos, familiares ou emocionais.

O distúrbio de aprendizagem é uma manifestação que nós podemos encontrar em vários transtornos mentais, dentre eles os mais frequentes são: o transtorno depressivo, transtorno de ansiedade, no déficit de atenção e hiperatividade, e até mesmo na deficiência mental.

De certa forma, é um assunto muito delicado para alunos, pais e educadores, por ser uma dificuldade significativa persistente que realmente traz um prejuízo na evolução do desenvolvimento no processo de aprendizagem da criança.

Essa dificuldade torna-se perceptível dentro do ambiente escolar, onde em algumas situações isoladas o problema é resolvido, mas em muitos casos, a parceria com o psicopedagogo é estritamente necessária para a identificação do distúrbio, e através de sua avaliação, encaminha-se o aluno ao profissional específico à sua necessidade. Estes profissionais assumem essa missão junto à criança; diagnosticar se é algo transitório ou algo mais comprometido, e, principalmente a partir desse resultado, idealizar e propor a esta família um caminho a ser traçado no sentido de superar essas dificuldades.

POSSÍVEIS CAUSAS INTERNAS

Existem várias teorias para explicar as causas das dificuldades de aprendizagem. As causas mais comuns apontadas são: defeitos ou erros na estrutura do cérebro; abuso de drogas; má nutrição; herança genética dos pais; falta de envolvimento dos pais durante as fases de desenvolvimento precoce do bebê; falta de comunicação entre as várias partes do cérebro; quantidades incorretas de vários neurotransmissores, ou problemas no uso dos mesmos por parte do cérebro; problemas pedagógicos. Todas as crianças têm possibilidades de aprender, quando isso não ocorre é por que algo não está indo bem. Nesse momento todos os profissionais envolvidos no processo ensino/aprendizagem se questionam acerca das causas que podem estar contribuindo para que o aluno não aprenda. Scoz (1994) Pág.22 menciona inúmeros fatores que contribuem para as dificuldades de aprendizagem:

[...] Os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações [...]

Problemas comuns com os neurotransmissores incluem níveis insuficientes de dopamina, regulação inadequada de serotonina e recaptação excessiva da dopamina, onde neurónios emis-

sores de dopamina reabsorvem-na em quantidade demasiada após liberá-la para se comunicar com outros neurônios (também implicado nos quadros de depressão clínica).

PRINCIPAIS CAUSAS EXTERNAS

Alguns dos fatores ligados às causas externas da dificuldade de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental são:

PROBLEMAS NA SALA DE AULA

Sabemos que é no cotidiano da sala de aula que os problemas de aprendizagem aparecem, e nesta pesquisa procuramos trazer conceitos utilizados neste contexto. A educação é a base fundamental no desenvolvimento do aluno, nas suas habilidades e na formação do seu caráter. Deve-se respeitar o fato de que cada ser é único, tem sua própria essência, suas particularidades e aspirações. Todo processo educativo, conduz o indivíduo a ser crítico, ter liberdade de expressão e ser responsável.

O processo de ensino aprendizagem não pode ser tratado como algo isolado e único no espaço da sala de aula. Faz-se necessário que o trabalho educacional transcenda os muros da escola como práticas educativas que enlace o contexto social do aprendiz. Na nossa sociedade a alfabetização é condição predominante para se viver de forma íntegra e autônoma.

Segundo Gómez e Téran:

A aprendizagem supõe uma construção que ocorre por meio de um processo mental que implica a aquisição de um conhecimento novo. É sempre uma reconstrução interna e subjetiva, processada e construída interativamente. (2009, p.31)

Nesse sentido o professor deve ser um colaborador atento ao seu grupo, as suas aprendizagens e suas dificuldades.

O professor despreparado se sentirá ameaçado e desestabilizado quando surgir por parte do aluno alguma atividade desafiadora. Ele não saberá como agir quando sobrevierem conteúdos emocionais e relacionais que são difíceis de lidar. O professor se sente como espelho que reflete a emoção do aluno, podendo nesse caso se sentir desapontado ao se deparar com resultados diferentes de sua idealização.

A inadequação de conteúdos também é um grande problema nas escolas. Muitas vezes o professor está trabalhando num nível cognitivo superior ao do aluno. Adequar-se ao nível cognitivo do sujeito é imprescindível para que este obtenha uma boa aprendizagem, pois “devemos começar onde a criança se encontra e nos termos dela” (CARRAHER,2002, p. 19).

O professor deve diante uma dificuldade preocupar-se em buscar soluções, em se capacitar para intervir da melhor maneira possível. Por outro lado, este profissional deve estimular a autonomia do aluno, para que tenha capacidade de utilizar os conhecimentos escolares visando assimilar informações e procedimentos, bem como desenvolver o discernimento e a escolha da melhor

maneira de resolver seus problemas ou a execução de novas tarefas. Se na prática isso realmente acontece, o professor estará preparado para auxiliar o aluno a resolver melhor as dificuldades que aparecem no processo ensino-aprendizagem.

A sala de aula deve ser adequada para receber alunos preparados e não preparados para aprender, por isso, o ambiente, o material didático e o método de ensino devem ser cautelosamente escolhidos, pois o sucesso do aprendiz depende dessa escolha.

PROBLEMAS SOCIOECONÔMICOS

A criança que está inserida numa classe social menos favorecida pode apresentar maiores problemas na aprendizagem, devido à falta de uma alimentação saudável, higiene pessoal e ambiental, proteção e afeto familiar e saúde entre outros.

Porém a classe social em si não é responsável pelos atrasos cognitivos e sim um tipo de “carença cultural” entendida como o baixo nível de interação do sujeito com o meio. Segundo Ramozzi Chiarottino (1987).

“(...) as crianças de baixa renda tem, em média, no Brasil, um déficit cognitivo e não apenas uma diferença com relação às demais. Estão em situação de inferioridades, sobretudo com relação à sua capacidade de expressão, já que as trocas com o meio não foram adequadas. (1987, p.47.)”.

PROBLEMAS FAMILIARES

A família desempenha um papel de extrema importância no desenvolvimento da criança e é através desta que formam adultos preparados para enfrentar desafios e responsabilidades.

Para Piaget (1973) as atividades do sujeito e suas inter-relações são fundamentais ao seu desenvolvimento, pois é o meio familiar que também desempenha uma função estruturante no nível cognitivo. A família, desconhecendo as necessidades da criança nas aprendizagens escolares e a maneira apropriada de lidar com esses aspectos, muitas vezes, necessita de orientações que lhe dê suporte e lhe possibilite ajudar seu filho. Fatores como motivação, formas de comunicação, estresses existentes no lar, influenciam o desempenho da criança no processo de aprendizagem. O psicopedagogo pode ajudar neste aspecto, pois sua função é fazer a relação sujeito/família/escola. Considerando a importância desta instituição e sua influência no desempenho do aluno às vezes é necessário intervir na família com orientações, informações e encaminhamentos a outros profissionais.

Como esclarece Relvas (2011, p 59 - 60) a família também exerce importante papel no processo de ensino/aprendizagem. Um dos fatores que influencia o desempenho na estimulação da criança para um melhor envolvimento com os estudos a escolaridade dos pais. O hábito da leitura é fundamental para o desenvolvimento cognitivo da criança. Outro importante fator a ser observado é a história familiar do alcoolismo, drogas e outras dependências, sendo estes fatores desagregados

da família.

Para um bom rendimento escolar o aluno deve estar em harmonia no contexto familiar. Um ambiente acolhedor com relações afetivas, de confiança e segurança favorecerá as aprendizagens e ajudará na superação de um problema que porventura venha ser diagnosticado.

DISLEXIA

Sabemos hoje que os distúrbios de leitura e escrita são fatores de maior incidência em sala de aula, dentre eles a dislexia por ser uma dificuldade específica na aprendizagem da leitura com repercussão, muitas vezes, na ortografia (disortografia). Os disléxicos, sem consciência fonológica, apresentam dificuldade de fazer o reconhecimento da palavra escrita, ou seja, não conseguem transformar as letras em sons da fala (fonemas da língua como vogais, semivogais e consoantes).

Conforme afirma a Associação Brasileira de Dislexia, o transtorno acomete de 0,5% a 17% da população mundial, pode manifestar-se em pessoas com nível intelectual normal ou eminente e persistir na vida adulta.

A escola, na figura do professor, necessita ressignificar o seu papel na busca de novos caminhos para o processo de ensino-aprendizagem aos alunos que manifestam essas dificuldades. Os resultados das pesquisas recentes (Shaywitz, Sally, 2006) provam que é possível estimular os circuitos neurológicos de baixo funcionamento, através de estratégias e ações reeducativas embasadas nos novos paradigmas trazidos pelas neurociências.

É possível preparar o professor para identificar aquele aluno que demonstre dificuldades em adquirir a leitura e a escrita desde os primeiros anos do ensino fundamental e encaminhá-lo à avaliação aplicada por equipe especializada.

O diagnóstico precoce possibilitará a intervenção psicopedagógica aos portadores, além de orientação deste profissional ao professor, que poderá intervir em sala de aula com métodos e estratégias adequadas, visando minimizar as consequências futuras da dislexia no processo de aprendizagem dos seus alunos.

A dislexia não é o resultado de má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição socioeconômica ou baixa inteligência.

“sobretudo, uma condição hereditária com alterações genéticas, apresentando ainda alterações nos padrões neurológicos, imaturos, donde resultam dificuldades receptivas, distúrbios de imagem corporal de identificação tempo espacial, de relações com objetos, além de déficits específicos na formação de símbolos envolvendo imagens auditivas, visuais e cinéticas, desorientação na lateralidade e demais perturbações na área conceitual” (GAR-CIA, 1998, p.77)

Ao professor, cabe a tarefa de aprofundar os estudos sobre dislexia. A formação acadêmica é muito importante. Por exemplo, hoje, é consenso que a principal causa ou fator para o surgimento e persistência da dislexia é a falta de consciência fonológica. Se isso é verdade – e é, realmente – cabe ao professor montar atividades formais, para em treinamento, ajudar seu aluno a superar as dificuldades leitoras. A leitura é base para todas as demais disciplinas do currículo.

SINTOMAS

Os sintomas variam de acordo com os níveis de gravidade do distúrbio e tornam-se mais evidentes durante a fase de alfabetização.

Algumas crianças podem apresentar durante a alfabetização algumas dificuldades por serem pequenas e ainda imaturas para iniciar o processo de leitura e escrita. Por isso a atenção do professor deve estar voltada ao aluno com dificuldades.

Alguns sintomas mais frequentes, segundo publicação na Revista Time de julho de 2003, por Christine Gorman, sob o título *The New Science of Dyslexia*, em crianças na idade pré-escolar como Dificuldades em dividir palavras em sílabas, bem como não consegue ler palavras simples e monossilábicas, tais como “rei” ou “bom”

Comete erros de leitura que demonstram uma dificuldade em relacionar letras a seus respectivos sons. Pode-se dizer que tem dificuldade em reconhecer fonemas; e frequentemente comete erros quando escreve e soletra palavras. Memoriza textos sem compreendê-los. Porém somente um diagnóstico específico pode afirmar se a criança tem ou não um problema de aprendizagem.

DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO

Com base nos estudos de Vicente Martins (2007) conclui-se que o diagnóstico da dislexia seja multiprofissional. Recorrentes de especialistas como: médicos neurologistas, pediatras, psicólogos clínicos ou educacionais, linguistas clínicos ou psicolinguistas e psicopedagogos, clínicos ou institucionais participem da descrição, explicação, intervenção e prevenção da dislexia.

“Antes de afirmar que uma pessoa é disléxica, é preciso descartar a ocorrência de deficiências visuais e auditivas, déficit de atenção, escolarização inadequada, problemas emocionais, psicológicos e socioeconômicos que possam interferir na aprendizagem” (VARELLA, 2012 p. 12).

Segundo Gonçalves (2000, p. 25) É necessário diagnóstico precoce para evitar que seja atribuído aos portadores do transtorno um quadro depressivo, com reflexos negativos sobre sua autoestima e qualidade de vida.

Embora não tendo cura o tratamento auxilia o paciente quanto as suas limitações. É importante que um especialista acompanhe o paciente para que ele não sofra problemas relacionados a autoestima e socialização. Portanto para esse trabalho o paciente contará com uma equipe multidisciplinar (psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, oftalmologistas e neurologistas). Assim o disléxico terá uma vida normal aceitando e sabendo como driblar as dificuldades causadas pela dislexia.

Ainda para o autor, existem dois tipos básicos de dislexia. A desenvolvimental ou verdadeira, aquela em que a criança nasce com ela, herança genética dos pais. É uma síndrome e não desaparece ao longo dos anos. Existe a dislexia pedagógica, aquela diretamente relacionada com os métodos de ensino em leitura (fônico, global etc). O método global, de grande vitalidade no Brasil, é

um dos responsáveis pelo fracasso na alfabetização em (Gonçalves 2000, p. 27)

Levando esse aspecto em consideração o papel de observação do professor é extremamente importante para ajudar no diagnóstico precoce. Quando o professor consegue nomear os sinais, principalmente nos aspectos fonológicos (dificuldades em reconhecer fonemas, por exemplo) já abre um sinal de alerta para necessidade de investigação. O professor deve contar sempre com a parceria do psicopedagogo, pois é a partir daí que segundo Gonçalves (2000, p.28) abrem-se as possibilidades de Intervenção: Diferenciando – tirando o sujeito do lugar de estereótipo e tornando-o único a seus próprios olhos e aos de sua família e escola. Abrindo possibilidades de mudança – a partir da diferenciação, o sujeito, a família e a escola podem mudar sua maneira de atuar; o que vai repercutir na modalidade de aprendizagem e resgatando o prazer de aprender – fundamental para conectar a estrutura desejante e estruturar um corpo com possibilidades de aprendizagem. Podemos dizer ainda: oferecendo suporte tecnológico – para adequação das respostas do sujeito às necessidades de comunicação com o meio em que convive.

Agindo dessa forma, a psicopedagogia tem ajudado muitos indivíduos com síndrome disléxica ou outras dificuldades, a resgatar sua autonomia, prazer e criatividade diante de situações de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho não se pretendeu estabelecer uma regra básica de detecção de disfunção de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental. Pretendeu-se tão somente discorrer brevemente sobre o tema analisando as dificuldades apresentadas pelo aluno no processo de aprendizagem que, muitas vezes, não são detectados precocemente acarretando maiores prejuízos. Dificuldades essas que parecem de maior complexidade para o professor que necessita estudar e aperfeiçoar seus conhecimentos na área.

O foco principal foi a dislexia, os sintomas e as possibilidades de diagnóstico e tratamento. Neste sentido, o papel do professor em parceria com outros profissionais é imprescindível. Desta forma, acredita-se que a criança também aprende através de brincadeiras, músicas, jogos lúdicos e com carinho, atenção e dedicação daqueles com os quais convive. Mas é necessário ainda, fazer com que a criança conquiste uma vida de experiências, construir estratégias juntos, professor (a) e aprendente para o desempenho das funções de leitura e escrita por meio da intervenção pedagógica, é de extrema importância para que o sujeito encontre várias possibilidades com o objetivo de aprender tais atividades e garantir uma melhor aprendizagem das outras matérias.

A forma de apresentação deste estudo certamente facilitará eventuais ajustes, tanto na exposição do tema quanto na forma de abordagem. A partir das implicações e possibilidades, conclui-se que é importante ampliar os estudos em dislexia. Portanto, o presente trabalho contribuiu também para aperfeiçoar a maneira de organizar e aprofundar os estudos numa perspectiva de favorecer a aprendizagem do aluno, independente do diagnóstico fornecido.

REFERÊNCIAS

CARRAHER, T. N., CARRAHER, D., SCHILEMANN, A., REGO, L. L. B., LIMA, J. M. F., **Aprender Pensando: Contribuições da Psicologia Cognitiva para a Educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2002.

GARCÍA, J. N.. **Manual de dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

GONÇALVES, J.E.(s.d.) – **Psicologia e saúde - Mestre em educação UFF/RJ**; psicopedagoga clínica por EPSIBA, Argentina; membro do Conselho Nacional da ABPp - Associação Brasileira de Psicopedagogia - presidente da Fundação Aprender, Varginha, MG

Dráuzio Varella, **Dislexia**. Disponível em <http://drauziovarella.com.br/doencas-e-sintomas/dislexia/>
Acesso 01 ago. 2025

KIRK, S.; GALLAGHER, J. **Educação da Criança Excepcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1962

MIRANDA, M. I. **Crianças com problemas de aprendizagem na alfabetização. contribuições da teoria piagetiana**. Araraquara, 1.ed. SP: JM Editora, 2000. 159p.

PIAGET, J. (s.d.) **A Representação do Mundo na Criança**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. [Le Représentation du Monde chez L Enfant, 1926] Psicologia - ciências e profissão - vol.7 no.1 Brasília 1987. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931987000100007&lng=es&nrm=iso Acesso 01 de ago. 2025

PILETT. N. **Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental**. São Paulo, ed. Ática, 2002.

Revista Time de julho de 2003, por Christine Gorman, **sob o título The New Science of Dislexia.**

RELVAS, M. P. **Neurociência e transtornos de aprendizagem: as Múltiplas Eficiências para uma Educação Inclusiva-** 5.Ed. - Rio de Janeiro: Wak Editora 2011.

SCOZ B. **Identidade e subjetividade de professoras/es: sentidos do aprender e do ensinar** [Tese de Doutorado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2004.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** Rio de Janeiro, DP&A, 2003.